

B E R N A R D O A L M E I D A

A U T O P I A
D O C A R N A V A L
S E M F I M

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020

Anamorfose

Autópsia

Caminhamos com os mortos, enquanto expiramos
Esperamos a eternidade e perecemos nos torvelinhos dos anos
Que fogem ao que vivemos, como se eternos fôssemos
Falhamos e nos entretemos, tão logo o erro se faz efêmero
Fosse um raro verso fúlgido a crepitar na órbita do sol
Desalojaríamos o futuro, sem compreender o fulcro das eras
Não sem danos, escalamos a escarpa do astro venerando
Íngreme solução da inexatidão a vociferar crueldades
Aspergindo, anonimamente, generosidades
Nos maremotos dos ânimos, nas veredas da incompletude

Remoto

O som do mar
a ricocheteiar
nas fronteiras
invisíveis
da inóspita imensidão

Chão em desintegração
queda, apuro, alienação

E o oceano, em derrisão,
impassível – a compor
a canção da criação
do infinito

Íntima transformação
no ínfimo átimo universal

I

querer, na febre,
a hecatombe
algo além da fome
refém do ódio
do incômodo óbvio
do estrondar
da queda
da ponte

ferir o nome,
que ressoa
na escuridão

desejar o vórtice
da madrugada
óbice recôndito
intenta o nada
na falta que afaga
o olhar a se deter
no passado que se apaga

preciso inalar
a escassa sensatez
decifrar algaravias
e inventar naufrágios
comover o plácido
rebelar ninguém

II

As manhãs decantam os sonhos mascarados dos mortos
Os corpos do tempo soterrados pela barbárie
Malsãs irmandades nos olham pelo viés da eternidade
Nas memórias entremeadas, o viço e o festim da saudade
Revezam-se em um balé macabro: cantos sórdidos
De mórbidos dançarinos; felizes saltimbancos divinos
Seduzidos pelo temerário brilho secreto e imerso no lodaçal

150 megatons

Eu era forte quando negligente
negava a influência indolente
do tempo sobre a existência
era ventania, braço cortado
apartado do corpo
a remar contra a maré
era bravio e independente
perene, inteiro, transversal
eu insurgia e contemplava
não queria ser aceito ou acolhido
eu evitava ser especial
o mais lembrado, o escolhido
eu não queria nada de menos ou de mais
tinham-me como indiferente
eu não era nada além de livre
e esse pouco que eu tive
era o infinito que me bastava
estava só – e não tinha consciência
do que era a solidão
a tristeza não passava de um condão retórico
sobre um ponto de vista cadavérico
no deserto estratosférico da multidão

Solfejo

Tomba a foice meteórica sobre o balneário em chamas
O mar recua, enquanto o continente a bailar avança
Sob o céu de cobre, que se adensa na manhã magenta
O estrondo agônico acompanha o relampejo contra o qual adeja
O firmamento se arrebenta e a ordem viceja – reintegrada ao caos
Restituindo a paz ao cosmo, no universo outrora cindido
A soletrar o nome recôndito de toda e qualquer espécie
Ungindo de vida a ira que se aventurou no fluxo incessante
De energia redobrada, na destruição dos feixes da história

I

Uma besta esbanja tesão e paciência
avança e emerge sem esperança
come aquela franzina e adulta criança
diáfana – bela temperança:
a garota terna e sem paixão
branca deglutição de uma fera
que ruga imensa e gorda na atmosfera
sobre as rédeas esconsas da desilusão
o amor se torna confronto e oposição
desgraça, desencontro, desintegração
desconforto na deserção do afeto
o logro abjeto: impulso intenso, desconexo
e, logo, rarefeito – perverso e controverso
como a vela etérea a derreter a terra
que se espraia inerme sob pés férreos
e enferrujados contra o chão... iluminados
pela noite alvoroçada
a se retesar ante o crivo do brilho trevoso
da aurora que desemboca na ilusória
e científica revelação de projectos mistérios
na utópica ideia da ideologia do ideal

✉ bernardo.almeida5@gmail.com
bernardo05@hotmail.com



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Bembo Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em setembro de 2020.
